

ANÁLISE E COMPREENSÃO DA PROPOSTA EDUCACIONAL DE MARIA LACERDA DE MOURA

BERNARDI, Larissa Mamede¹

Faculdades Integradas Maria Imaculada
lari.bernardi90@gmail.com

LODI-CORRÊA, Samantha²

Faculdades Integradas Maria Imaculada
samantha1.lodi@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas das ideias educacionais da feminista e educadora Maria Lacerda de Moura. Começa-se com um panorama geral da história e como ela tratou as mulheres até agora. Também se abordam aspectos mais biográficos dessa autora, já que a forma como ela viveu sua vida está intimamente ligada ao modo como ela pensava na educação e na situação das mulheres no Brasil. Ela esteve envolvida em muitos movimentos no início do século XX, que englobam desde questões educacionais até feministas, e inclusive liderou alguns deles, porém, por estar sempre afastada dos holofotes e dos movimentos hegemônicos, suas ideias ficaram um pouco esquecidas quando se pensa a educação brasileira; isso, porém, não tira sua importância. Maria Lacerda de Moura foi uma das seguidoras da Escola Moderna, criada por Francisco Ferrer, e implantou muitas dessas ideias no Brasil.

Palavras-chave: Maria Lacerda de Moura. Educação. Feminismo. Escola Moderna no Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como finalidade fazer parte dos trabalhos necessários para a conclusão do curso de Pedagogia pela Faculdade Integrada Maria Imaculada. Além dessa, ele também tem a finalidade de ressaltar a importância de Maria Lacerda de Moura, uma mulher que viveu no início do século passado e que é, ainda hoje, um modelo a ser seguido por conta das ideias bastante relevantes que propôs.

¹ Graduação em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Maria Imaculada (2018). Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP/2013).

² Doutora e mestre em Educação na área de Filosofia e História da Educação pela FE- Unicamp; licenciada em História (Unifran); bacharel em Comunicação Social pela Unesp. Professora nos cursos de Pedagogia e História das FIMI. Membro do Coletivo educacional de mulheres: Maria Lacerda de Moura.

Na cidade de Mogi Guaçu, onde se localiza a faculdade, existe um coletivo de mulheres que colocou essa educadora como sua patronesse, dando a ele o nome de Coletivo Educacional de Mulheres: Maria Lacerda de Moura. Este foi um contato importante, pois talvez, sem o coletivo, sua existência ficasse ainda muito esquecida e apagada, já que mesmo entre as feministas ela não é uma figura muito conhecida; uma injustiça que há de ser reparada.

Este trabalho foi feito através de uma pesquisa bibliográfica, que contou com a presença do livro “Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica”, da própria Maria Lacerda de Moura. Seus textos são de difícil acesso, por isso muitas de suas ideias apareceram aqui através, principalmente, do trabalho de Jussara Valéria de Miranda e do documentário produzido por Ana Lúcia Ferraz e Míriam Moreira Leite, sendo esta última uma das principais estudiosas da biografia de Maria Lacerda.

Para que o trabalho ficasse organizado de uma maneira satisfatória optou-se por organizá-lo da seguinte maneira: primeiro, fala-se da mulher na história de uma maneira geral, de como se iniciaram os estudos sobre elas, do conceito de gênero na história, de como essa disciplina precisou mudar sua maneira de construir-se para que minorias, incluindo as mulheres, fossem inseridas nela.

Depois, o artigo tratou de aspectos biográficos de Maria Lacerda de Moura, já que eles, como veremos, são essenciais para a compreensão de seu modo de pensar e de seu modelo ideal de educação. Toda a liberdade e autonomia que ela pregava em seus escritos, ela praticava em sua vida pessoal.

Por último, tratou-se especificamente da educação e trabalhou-se quase exclusivamente com citações do livro de Moura citado anteriormente, já que ele é um dos lugares essenciais para observarmos suas principais ideias educacionais. É nele que encontramos toda a sensatez de seus escritos quando se procurou falar de um modelo ideal de educação, principalmente se considerarmos o modo tão atrasado com que ainda lidamos com ela.

2A MULHER E SEU PAPEL NA HISTÓRIA

O estudo da história, por muito tempo, se fez através de documentos oficiais e a partir do olhar de homens poderosos que governaram países e regiões diversas ao redor do mundo.

Era uma história pautada em tudo que era público, ignorando fontes que poderiam indicar o cotidiano das pessoas de um determinado período, deixando-a incompleta. Quando se muda essa maneira de escrever e fazer história, dá-se atenção para outras minorias, incluindo as mulheres.

Isso porque o que se fizera até então [...] fora a história do homem branco que excluía pelo menos a metade da humanidade. Uma evidência disso é que os grandes marcos cronológicos, reputados quase como naturais, História Antiga, Medieval, Moderna, entre outras “unidades de sentido”, constituíram-se como resultado dessa parcialidade e só poderiam servir a determinado sujeito histórico, excluindo os demais.” (GONÇALVES, 2006, p. 65)

As mudanças ocorridas nesse modo de fazer história ainda não superaram essa cronologia que a autora coloca, por exemplo, mas existiram muitos avanços. De acordo com Rachel Soihet (1997), a mulher era antes colocada apenas como uma figura da vida privada, com suas tarefas e sua participação apenas dentro de casa. Com essas mudanças na historiografia, começa-se a pensar sobre a mulher em outros lugares além desse espaço, já que nos séculos XIX e XX muitas mulheres trabalhavam fora, inclusive como operárias em fábricas.

Esses estudos ganharam força principalmente na década de 1960, e hoje já podemos discutir a amplitude de se pensar uma história de mulheres, pois são “diversas em sua condição social, etnia, raça, crenças religiosas” (SOIHET, 1997, p. 275), portanto não faria sentido pensar apenas em uma singularidade, em apenas uma “história da mulher”. Ainda a esse respeito, citando as pesquisas realizadas na década de 70, ela afirma:

A fragmentação de uma ideia universal de mulheres por classe, raça, etnia e sexualidade associava-se a diferenças políticas sérias no seio do movimento feminista. Assim, de uma postura inicial em que se acreditava na possível identidade única entre as mulheres, passou-se a uma outra em que se firmou a certeza na existência de múltiplas identidades. (SOIHET, 1997, p. 277).

Isso é muito pertinente porque as diferenças entre as mulheres e o modo como elas são vistas na sociedade, levando em conta todos esses fatores citados, ainda perduram no século XXI, podendo até ganhar outras vertentes merecedoras de atenção especial (como é o caso das mulheres trans, por exemplo). Maria Lacerda de Moura, objeto de estudo neste artigo, já nos anos 20, via que essas diferenças existiam e se afastou do movimento feminista das sufragistas, já que suas ideias se conectavam muito mais com as do movimento feminista

anarquista por seu caráter libertário, assunto que será explorado de maneira mais eficiente no próximo capítulo.

Outro problema nos estudos sobre as mulheres, apontado por Rachel Soihet, é que, antes da década de 70, as mulheres eram colocadas sob apenas dois pontos de vista: ou eram rebeldes ou eram vítimas. A mulher que era submissa ao marido e à sociedade patriarcal de modo geral, vivendo sob aspectos muitas vezes pautados na religiosidade e moral cristãs, e que muitas vezes sofria violências e abusos, é colocada como vítima. Já a mulher que não se submetia a nenhuma dessas opressões era logo tachada de rebelde. “Surge daí a importância de enfoques que permitam superar a dicotomia entre a vitimização ou os sucessos femininos, buscando-se visualizar toda a complexidade de sua atuação” (SOIHET, 1997, p. 278).

Maria Lacerda, apesar de ser pintada sempre como uma rebelde, ultrapassou esse título. Ela participou sim de muitos movimentos que podem colocá-la nesse lugar de rebeldia, mas é preciso também levar em consideração seu trabalho educacional mais informal, que ficou afastado dos holofotes dos grandes centros urbanos.

É nesse sentido que começam a aparecer estudos biográficos de mulheres, inclusive o da própria Maria Lacerda se encaixa nesse momento, porque se reconhece a importância de estudar de maneira aprofundada o cotidiano dessas personagens históricas e levar em conta as ações que perpassaram suas vidas pessoais.

Uma outra contribuição à história do feminismo no Brasil deve-se a Miriam L. Moreira Leite que elabora uma biografia sobre Maria Lacerda de Moura, abrangendo o período 1919-1937. A pesquisadora ressalta as reflexões de Lacerda de Moura sobre os diversos aspectos da condição feminina, assim como suas avançadas posições, similares em muitos aspectos às das feministas a partir da década de 1960. Tal aspecto, aliado ao seu aguçado espírito crítico, manteve-a numa posição algo marginal, afastando-se do movimento hegemônico na época, liderado por Lutz. (SOIHET, 1997, pp. 282-3)

Esse movimento liderado por Bertha Lutz³, ligado ao sufrágio, não correspondia às ideias de Lacerda de Moura por conta de sua posição muito mais libertária, que pedia um modo de vida diferente, e não apenas a inserção da mulher na sociedade do modo como ela já era constituída. “O caminho da liberdade não passava pelo voto ou inserção da mulher nos cargos políticos, mas pelo auto-conhecimento, domínio do próprio corpo, distanciamento dos dogmas religiosos.” (MIRANDA, 2006, p. 15).

³Bertha Lutz (1894 – 1976) foi uma advogada, bióloga e ativista do feminismo no Brasil. Ela liderou muitos movimentos ligados ao sufrágio, entre eles a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher (1919) e a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (1922-1937). Ela também foi uma das primeiras políticas mulheres no Brasil. (RICHTER, 1998, apud MIRANDA, 2006, p. 56)

Quando pensamos na historiografia das mulheres, precisamos também trabalhar com a criação do conceito de gênero e o modo como ele vem sendo encarado. Para falar sobre isso, Andréa Lisly Gonçalves, em seu livro “História & Gênero” (2006), explica que é a psicanálise de Freud que começa a pensar que masculino e feminino, macho e fêmea, conceitos simplesmente ligados ao biológico, não são mais suficientes para explicar a relação social entre os seres. Surge, então, a ideia de se falar de gênero. Esse conceito, apropriado pelos historiadores, é colocado como uma construção. Está ligado aos papéis que foram atribuídos a homens e mulheres no decorrer da história, e não ao sexo biológico.

Gonçalves continua dizendo que esse conceito, vistodessa maneira, ganha especial força nos anos 80, quando muitos historiadores acreditam que o estudo da história mudaria completamente quando inseríssemos essa ideia de gênero, pois ele era um conceito que iria

Revelar as diferenças sexuais e os papéis sociais a partir das significações histórica e socialmente construídas e designadas, de modo relacional, por mulheres e homens. [O que o aproximou] da perspectiva da história cultural, que procura identificar de que modo, em diferentes lugares e momentos, a realidade social é construída, pensada e lida. Assim, os papéis normativos os comportamentos atribuídos a homens e mulheres e a relação entre os sexos não são discursos neutros, mas representações construídas repletas de significados e de relações de poder. (POSSAS, 2004, apud GONÇALVES, 2006, pp. 73-4)

Percebe-se, nesse trecho, essa preocupação que havia com uma espécie de reescrita da história que levasse em conta essas questões de gênero, que mudariam completamente a história chamada universal, não apenas a das mulheres, mas especialmente a delas, já que:

Com a categoria gênero estaria consumada a superação de noções universais, fossem de homens, fossem de mulheres. A introdução da categoria gênero, relacionada ao contexto social, portanto, levou à consideração da “diferença na diferença”. Não cabia, assim, a utilização do termo mulher sem adjetivá-lo: mulheres mestiças, negras, judias, trabalhadoras, camponesas, operárias, homossexuais. (GONÇALVES, 2006, pp. 74-5)

Importante ressaltar como o termo foi decisivo para se explorar mais a pluralidade dessa “história das mulheres”, como já colocado. Era (e ainda é) importante mostrar que as relações entre homens e mulheres ultrapassaram as questões puramente biológicas. Porém, vemos também que o conceito de gênero não revolucionou por completo essa maneira de se estudar e analisar a história, já que, como a própria Gonçalves (2006) coloca, os tempos históricos ainda são contados da mesma forma, tendo como marco acontecimentos protagonizados pelo homem branco, como citado anteriormente.

Maria Lacerda de Moura também discutiu a questão de gênero já em 1920, e ela tinha uma visão de que homem e mulher, masculino e feminino, eram conceitos que se complementavam.

Os dous se complementam. São diferentes e indispensáveis um ao outro. A obra de educação científica, racional, para ambos os sexos é o mais perfeito instrumento de liberdade. É a extinção da miséria universal, é o acumulo de riquezas, é a contribuição para a solidariedade – a moral do futuro. (MOURA, 1924, apud MIRANDA, 2006, p. 17)

É perceptível que suas opiniões eram bastante avançadas para a época. Essa discussão ganhou força, como dito, apenas anos depois, e ela já tinha uma visão bastante inovadora do que seria esse conceito de gênero.

Dito isso, percebe-se que ainda é muito necessário estudar mulheres e seus feitos no mundo, e não necessariamente para que a cronologia e o estudo da história sejam completamente modificados, mas para entendermos sempre mais das suas contribuições para os estudos já existentes. É com isso em mente, pensando não só na história, mas também nas contribuições educacionais, que este artigo irá tratar especificamente da educadora Maria Lacerda de Moura, cujas ideias inovadoras já se fizeram presentes nesse primeiro momento.

MARIA LACERDA DE MOURA: UMA MULHER DE LUTA

A partir dos anos 60, como já foi dito, os estudos ligados a biografias começaram a ser valorizados na hora de construir uma visão histórica, principalmente no que se referia às mulheres, até então não estudadas como sujeitos históricos. É nesse momento que a vida de Maria Lacerda de Moura começa a ser estudada, principalmente por MíriamL. Moreira Leite, que inclusive dirigiu e ajudou a escrever o roteiro de um documentário sobre Maria Lacerda, utilizado nesse artigo.

A pesquisa de Jussara Valéria de Miranda também é importante para dar visibilidade a essa grande personagem da história do Brasil, ainda hoje pouco explorada e esquecida. Maria Lacerda de Moura viveu uma vida muito progressista para seu tempo, que assustaria algumas pessoas ainda no século XXI, e atribui-se a esse fato o seu esquecimento, inclusive por parte das feministas. (MIRANDA, 2006, p. 26)

Ela nasceu em Manhuaçu, Minas Gerais, em 1887. Ainda criança, em 1891, ela se muda com a família para a cidade mineira de Barbacena, onde cresceu, casou-se, tornou-se

professora pela Escola Normal e começou a sua luta em favor de uma educação mais pautada na liberdade. Ajudou a criar a Liga Contra o Analfabetismo⁴, em 1912, e teve uma intensa produção escrita, com livros e artigos para jornais. Quando nova, estudou em um colégio de freiras, e quando relembra sua educação, ela afirma o seguinte:

Meu pai, anticlerical, espírita convicto, quando sentiu que essa educação teria influencia sobre nosso espírito tirou-nos do colégio. Apesar da minha pouca idade, percebi o espírito de classe e de casta, e a injustiça com que os católicos estabelecem a diferença econômica e de dominismo entre os colegiais. A escola oficial, a universidade, é tradicionalista, antiga e reacionária. É a escola do passado, com seus erros, absorvente, cheia de velharias poeirentas, incapaz de um sonho, incapaz de um protesto consciente, incapaz de um surto renovador.(MARIA, 2003)

Esse trecho ilustra muito bem a insatisfação de Maria Lacerda com o modelo educacional existente, já que ela conseguia criticá-lo até mesmo baseada em suas experiências da infância. Ainda em Barbacena, ela organizou mutirões para a construção de casas populares e também deu aulas de higiene. Tudo isso também colabora para entendermos a ideia que ela tinha de educação: esta não deveria estar apenas ligada ao que é formal, no sentido de conteúdos e produções de pesquisas. Maria Lacerda também pensava na educação com seu aspecto libertador, já que ela significava, principalmente para as mulheres, um autoconhecimento, inclusive do próprio corpo. Associada a essa ideia de conhecimento do próprio corpo, podemos adicionar o pensamento da “maternidade consciente”, que implica na escolha pela maternidade, já que esta, até então, era tida como destino da mulher. A construção de uma família com filhos era colocada como uma espécie de obrigatoriedade, e Moura discordava fortemente dessa visão.

Em 1921, ela se muda para São Paulo, já que sua vida em Barbacena fica, de certo modo, insustentável:

Era difícil continuar em Barbacena. A Maria Lacerda era mal vista porque ela era espírita nesse tempo e ela era anticlerical. Além disso, ela se tinha proposto a esclarecer as mulheres sobre o seu papel e a necessidade delas pensarem por si mesmas, e isso era também extremamente mal visto, considerando que ela estava fazendo e falando de coisas que não ficava bem para uma moça. (LEITE, *in* MARIA, 2003)

⁴ A Liga Contra o Analfabetismo criada com a ajuda de Maria Lacerda de Moura era uma filiada a um projeto nacional de educação ligado à alfabetização. Aconteceram sessões dessa liga em 20 estados brasileiros, incluindo Minas Gerais, estado de origem de Maria Lacerda de Moura. O principal objetivo desses projetos era justamente erradicar o analfabetismo em nosso território.

Lá, ela tem contato com outras mulheres engajadas no movimento feminista. Essas mulheres criam, então, a Federação Internacional Feminina, da qual Maria Lacerda foi presidente por um tempo. A respeito dessa Federação, construída por essas anarquistas, Miranda afirma:

As militantes questionavam a educação formal, as condições de trabalho, a subjugação da mulher aos dogmas católicos, o sistema representativo e a estrutura estatal. Uma das reivindicações da Federação era a introdução de uma disciplina que discutisse a *história da mulher* nos cursos superiores. (MIRANDA, 2006, p. 13)

Mais uma vez fica evidente a preocupação que existia em modificar os conceitos já existentes em relação ao que se falava sobre as mulheres. Querer inserir na educação superior essa “história da mulher” era já entender tudo o que o movimento feminista discutiu com muita força nos anos 60 e 70. Era já ter a percepção de que a mulher tinha uma participação na sociedade que não poderia mais ser ignorada por essa visão prioritariamente masculina.

Ainda em São Paulo, a educadora acompanha de perto o crescimento de ideias relacionadas ao nazi-fascismo europeu aqui no Brasil. Depois essas ideias seriam concretizadas na figura de Getúlio Vargas, que instaura uma ditadura no país a partir dos anos 1930.

Durante a ditadura Vargas, Moura viveu em Guararema e fez o que Miriam Leite chamou de “resistência pacífica”⁵. Lá, na chácara D. Maria Lacerda, “comunidade anarquista de cunho individualista onde cada um deveria responsabilizar-se pelo seu próprio sustento” (MIRANDA, 2006, p. 18), Maria Lacerda viveu até 1937. Ela foi muito produtiva nesse período, escrevendo muito sobre os perigos do fascismo e também sobre educação, já que nessa comunidade ela pôde colocar em prática suas ideias educacionais.

É nesse momento que sua vida ultrapassa o rótulo de rebeldia. Apesar de ter resistido ao regime ditatorial, fez isso de forma pacífica e longe de capitais. Dessa forma, ela já não é nem submissa e nem rebelde, títulos recebidos pelas mulheres da época, como colocou Rachel Soihet (1997). A submissão é facilmente refutada: ela nunca aceitou os moldes da sociedade em que vivia e tentou mudá-los. Para refutar-se também seu título de rebeldia, é preciso lembrar que ele, nessa dicotomia que, como colocou a própria Soihet (1997), deve ser superada, é livremente associado a mulheres sufragistas e se personifica nos protestos nas

⁵Esse termo foi utilizado anteriormente por Gandhi, quando ele explicava seu método de ação: protestar sim, mas sem violência alguma, mesmo se as autoridades se utilizassem desse artifício. Para Maria Lacerda de Moura, isso significou ser sempre muito crítica ao governo vigente, mas não se envolver em protestos nas ruas por estar afastada desses grandes movimentos antigovernamentais.

ruas. Maria Lacerda esteve afastada desses movimentos mesmo quando estava em São Paulo. E em Guararema, sua resistência foi por meio da educação. É claro que podemos falar em rebeldia, e Moura se encaixaria nesse conceito se pensássemos que, em anos anteriores, ele era tudo o que se tinha para falar dessas mulheres que não viveram vidas tradicionais, mas ele, para a educadora, não deve ser empobrecido, parte dessa dicotomia “vítima x rebelde”. Não deve ser uma ideia que pensa apenas na mulher que quer ser inserida no modelo já existente de sociedade. Existe muito mais uma vontade de mudar a sociedade de forma geral, o que seria conseguido, de acordo com Moura, através principalmente da educação.

A aproximação de Maria Lacerda com o(s) pensamento(s) libertário(s) no que diz respeito à educação consiste no entendimento de que educar e ser educado implica na transformação do *status quo*. O fim social do conhecimento é a formação de seres humanos autônomos, solidários, defensores da igualdade e da liberdade. A possibilidade de ver o mundo a partir de outra ótica, que não a do Estado, Igreja ou Capital proporcionaria a construção de novos valores culturais. “(...) Dessa forma, a educação libertária não prepara a revolução, ela em si mesma já é a revolução. (Valladares, 2000, p. 23)” (MIRANDA, 2006, p.19)

Perseguida por suas ideias contrárias ao Governo Vargas, Maria Lacerda se vê forçada a sair de Guararema e voltar para Barbacena. Fica lá por um ano e em 1938 já vai morar no Rio de Janeiro, onde trabalhou na Rádio Mairinque Veiga. Pouco tempo depois de se mudar para a cidade do Rio, em 1945, Moura faleceu.

Apesar do seu falecimento e do fato de ter sido propositalmente colocada numa zona de esquecimento por conta da vida que viveu, suas ideias ainda fazem muito sentido para o feminismo atual. Muitas das coisas em que ela acreditava ainda não foram plenamente atingidas, prova disso é a condição diferenciada e, de forma geral, inferior que a mulher ainda vive em pleno século XXI.

A luta por mudanças e pela democratização da sociedade passa, necessariamente, pela transformação nas relações entre os sexos. E, a partir desse entendimento, Maria Lacerda de Moura defendeu a emancipação de uma mulher servil, dependente e que não tinha autonomia sobre seu próprio corpo, pois não era livre para decidir sobre maternidade, casamento e vida profissional. Ao lado disso, defendeu a emancipação de um homem subordinado a um sistema escravizante, violento e excludente. (MIRANDA, 2006, pp. 26-7)

Suas ideias de maternidade consciente, amor livre e educação emancipadora ainda soam muito modernas para algumas pessoas. É preciso, porém, entender esses e muitos outros de seus ideais sem crucificá-los, como foi feito no século anterior. É preciso entender o que Miranda coloca: além da mulher, o homem também é prejudicado pela forma como nossa

sociedade é conduzida, e toda forma de se libertar um pouco mais disso deve ser levada em consideração. Por essa razão, este artigo tratou da vida de Maria Lacerda de Moura e tratará de suas ideias e práticas educacionais com mais profundidade. É preciso, ainda hoje, lutar por emancipação através da educação.

4A EDUCAÇÃO MODERNA: PROPOSTA EMANCIPADORA

Para que se possa entender o que Maria Lacerda de Moura pensa sobre educação é preciso dar a devida atenção a seu livro “Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica”, publicado originalmente em 1934. Nesse livro, ela declara sua admiração pelo trabalho de Francisco Ferrer, um educador catalão criador da Escola Moderna, que é o modelo de educação no qual Maria Lacerda se inspira para realizar suas ideias educacionais. Antes de serem discutidas essas ideias aqui, é preciso primeiramente falar como a educação anarquista apareceu no Brasil e quem foi, de fato, Ferrer.

Os modelos educacionais pautados no anarquismo aparecem no Brasil, de acordo com Sílvio Gallo e José Damiro de Moraes (2005), entre os séculos XIX e XX. Esses modelos difundem-se principalmente entre os operários, que são, em grande parte, imigrantes europeus que chegam aqui e se deparam com uma realidade bastante complicada do ponto de vista educacional. Na briga por melhores condições de trabalho, essas pessoas se veem diante de muitos operários ainda analfabetos, com os quais o Estado não se preocupa, pois não é interessante que eles saibam ler e criticar, ainda mais num momento em que começam a organizar-se muitos sindicatos e a Confederação Operária Brasileira (COB)⁶, que vai ter participação determinante no âmbito da educação e dos direitos trabalhistas.

Por conta do desejo de fazer valer propostas de melhoria e as pressões dos operários serem significativas, interessa aos anarquistas melhorar a educação.

De acordo com Juan Bautista Perez, em *O Amigo do Povo*, de 01/05/1903, é “necessário que o povo saiba, que o povo aprenda” e, para esta obra, destacava o papel dos anarquistas, “por isso nós queremos ensinar, principiar no presente a construção do futuro”, com objetivo de construir uma nova sociedade livre, com fins socialistas, em que a educação torna-se fundamental, visto que “não há liberdade

⁶ A Confederação Operária Brasileira surgiu em 1906 a partir de uma reunião do Congresso Socialista, que já fazia reuniões desde 1892. Este, que antes tinha ideias relacionadas ao Socialismo, ficou com um cunho muito mais anarco-sindicalista. Por isso, essa Confederação foi de grande importância para que as ideias anarquistas fossem divulgadas no Brasil. (ARENA, 1991, p.23)

possível, onde está a ignorância, onde assenta fanatismo, onde se crê em fantasma, onde reside a torpeza” (GALLO; MORAES, 2005, p. 91)

Esse trecho ilustra bem o principal objetivo da educação anarquista: a liberdade. Esse será um termo bastante utilizado por Ferrer e por Lacerda de Moura, como veremos mais adiante. Aqui, nos interessa observar o desejo anarquista por uma sociedade mais justa e mais livre no futuro, que só se daria através da educação.

Ainda sobre os objetivos e ideias anarquistas a respeito da educação, outro fragmento de Gallo e Moraes merece destaque:

Os anarquistas sempre deram muita importância à questão da educação ao tratar do problema da transformação social: não apenas à educação formal, mas também à informal, realizada pelo conjunto social, e daí sua ação cultural através do teatro, da imprensa, seus esforços de alfabetização e educação dos trabalhadores, seja através dos sindicatos seja através das associações operárias. O maior esforço dos anarquistas foi, porém, o de promover um processo educativo que pudesse educar as crianças para a liberdade e autonomia. Para isso, propuseram-se a criar escolas baseadas numa *educação integral*. (GALLO; MORAES, 2005, p.89)

Mais uma vez se fala de liberdade e se reforça que ela é conseguida através da educação. Essa liberdade, como mostra o trecho, também está relacionada com o conceito de autonomia, algo que aparecerá também em muitos momentos na teoria anarquista.

No Brasil, por conta da criação da COB, criou-se também um jornal chamado “A Voz do Trabalhador”⁷, que chegou ao número 71 e ajudou a difundir o anarquismo e suas propostas educacionais. Esse jornal, entre outras coisas, auxiliou no reconhecimento das ideias de Ferrer e fez com que ele fosse uma das figuras mais importantes no que se trata de educação anarquista no Brasil. Especialmente importante para Maria Lacerda de Moura, objeto principal desse estudo.

Ferrer, como já colocado, nasceu na Catalunha, região espanhola, e foi o criador da Escola Moderna de Barcelona, que funcionou entre os anos 1901 e 1905.

Ferrer criou um método pedagógico que denominou de *pedagogia racional*, com forte inspiração positivista, colocando as ciências naturais como centrais. Mas era um aprendizado ativo, no qual as crianças eram instigadas a fazerem suas próprias “descobertas científicas”. (...) Ferrer privilegiava uma educação integral, tomando em conta também os aspectos físicos, profissionais, sociais e ético-morais. (GALLO; MORAES, 2005, p. 90)

⁷ “A Voz do Trabalhador” foi um jornal editado pela Confederação Operária Brasileira entre os anos de 1908 e 1915 no Rio de Janeiro. Esse jornal serviu para divulgar as ideias anarquistas pelo Brasil, inclusive no âmbito da educação. (ARENA, 1991, p.21)

Essa sua escola foi fechada pelo Estado espanhol, Ferrer foi preso e, em 1909, foi fuzilado por conta de suas ideias educacionais. Sua execução, no entanto, o transformou em uma espécie de mártir, termo que a própria Lacerda de Moura usa para se referir a ele.

Muitos protestos aconteceram ao redor do mundo por conta desse fato e o jornal “A Voz do Trabalhador” publicou essa notícia com muitos “comentários apaixonados”, como demonstra Arena em um dos fragmentos desse jornal: “Não houve canto do mundo donde não saísse um grito de dor pela perda inesperada (...) dum homem que com vigor e inteligência difundia a instrução tão necessária “a massa proletária e tão negada pelos governantes, a quem interessa conservá-la na ignorância (...)””. (ARENA, 1991, p.27)

Em seu livro, escrito muito tempo depois da execução de Ferrer, Maria Lacerda de Moura coloca muitas de suas citações e seus pensamentos sobre educação. O fragmento a seguir merece destaque. Ele faz parte de uma carta enviada por Ferrer a uma professora, a qual foi convidada por ele para ser diretora de sua Escola Moderna, mas recusou o convite alegando que estava ocupada demais, já que participava de um comitê contra a pena de morte.



Ferrer lhe responde: “Para transformar a maneira de ser da humanidade, não compreendo que haja coisa mais urgente do que o estabelecimento de um sistema de educação, tal como o conhecemos, e que, dando frutos, facilitará o processo, e tornará a conquista de toda ideia generosa muito mais fácil. Eis porque me parece que trabalhar agora pela abolição da pena de morte e para a Greve Geral, sem saber como havemos de educar os nossos filhos, é começar pelo fim e perder tempo”. (FERRER, apud MOURA, 1934, p. 6)

Essa posição de Ferrer serve para ilustrar sua crença de que a educação é a base, é o lugar por onde começar uma mudança efetiva na humanidade, e é justamente esse que deve ser seu objetivo central. Além disso, Maria Lacerda coloca que Ferrer era contrário a qualquer tipo de violência, o que se evidencia no seguinte trecho:

Basta o seguinte período escrito por Ferrer para provar à sociedade a sua convicção de educação contra a brutalidade da força e a inutilidade da violência:

“Se em vez de acaudilhar massas, as educamos, buscamos, impulsionamos e dirigimos os demais para o fogo esplendoroso da razão, assinalamos o verdadeiro fim da humanidade, buscamos, proporcionamos e distribuimos a ciência dos sábios, como único armamento para as suas rebeliões.”

Nunca Ferrer aconselhou nem pregou a violência. (MOURA, 1934, p.7)

É perceptível, então, que existe uma preocupação com uma educação mais humana, com uma educação que evidenciasse a sabedoria e ela seria a responsável por libertar o sujeito. Libertar, inclusive, de uma violência que não é física. Por isso a insistência, tanto em Moura quanto em Ferrer, por uma educação laica. Condicionar a educação à Igreja e até ao Estado

era também uma forma de violência, talvez uma das mais graves. No livro de Maria Lacerda de Moura aparece muitas vezes essa crítica a uma simples troca de tiranias: trocar as opressões da Igreja pelas opressões do Estado. Sobre as publicações utilizadas pela Escola Moderna, Moura coloca:

(...) a série dos livros editados especialmente para escola racionalista e os nomes que os subscrevem atestam a altura dos ideais pedagógicos desse mártir do ensino livre de muletas civis ou religiosas, livre de quaisquer “ismos” – porque o educador não tem o direito de violar a razão humana através da escola e nem lhe assiste o direito de impor as suas ideias ou as suas predileções políticas ou sociológicas. (MOURA, 1934, p. 9)

O que impressiona nesses escritos é a sensatez que está presente neles, e o fato de que eles são extremamente atuais, mesmo tendo sido escritos há tanto tempo. Ainda hoje se busca uma educação de fato laica e ainda hoje se discute até que ponto o Estado deve interferir dentro da escola, em suas disciplinas e seus conteúdos. Talvez o grande problema da educação atual sejam as imposições, fato que esses educadores com certeza chamariam de violência. Busca-se uma suposta neutralidade e, na verdade, o que se faz é impor um pensamento superficial e permeado desses “ismos”. A criança é ativa, pensante. É preciso levar isso em consideração e debater, dialogar sempre. Isso é liberdade. “Ir contra a prepotência do Estado que faz da escola o meio de assegurar a sua hegemonia ou de um partido é o dever dos verdadeiros revolucionários, de todos os seres humanos que amam a liberdade e respeitam os direitos da criança.” (MOURA, 1934, p. 17).

Ainda sobre as liberdades tolhidas pela escola, Moura coloca:

Na escola chamada laica, “Deus foi substituído pelo estado; a virtude cristã, pelo dever cívico; a religião, pelo patriotismo; a submissão e a obediência ao rei, ao aristocrata e ao clero, pelo acatamento ao funcionário, ao proprietário a ao patrão.” A diferença não é grande. Ou ainda: é mais respeitável o sentimento religioso sincero que a baixeza do servilismo diante dos poderosos ou dos magnatas do bezerro de ouro. (MOURA, 1934, p. 21).

É preciso retomar essa ideia de neutralidade na educação e é preciso ter cuidado para não interpretar uma educação livre como uma educação vazia. Falar que o ensino deve ser laico e livre de politicagens do Estado não quer dizer que essas questões não devem ser discutidas, até porque a própria Maria Lacerda tinha suas crenças religiosas e um pensamento que ia além da razão. Ela coloca que existem ainda muitos fenômenos que a ciência não explica e que é preciso considerar e discutir isso com a criança. Sobre isso ela coloca:

Como é mais nobre confessar o estado mental da ignorância diante dos fatos e colocar o ponto de interrogação inquieto e torturante, curioso diante de tais incógnitas!

Essa é a neutralidade que eu compreendo na Escola Nova. Não a neutralidade entre erro dogmático e a verdade científica.

Essa não é possível.

E Ferrer achava mesmo que os livros escolares devem tratar de todos esses problemas, falar de assuntos religiosos ou de dogmas sociais. O ensino racionalista pode e deve discutir tais problemas com o fim de desembaraçar o cérebro da criança de rotinas ou superstições, do tradicionalismo no erro e dos ídolos das organizações sociais. (MOURA, 1934, p. 30)

Mais uma vez aparece o discurso sensato a favor de liberdades. Ter crenças e procurar na religiosidade uma resposta para perguntas essenciais ainda não respondidas pela ciência não é um problema. O educador ter suas crenças particulares e suas posições políticas também não é um problema. Ele existe quando isso é imposto, quando não há diálogo e quando não há conhecimento e informação. Não praticar essa educação integral, pautada na bondade e na sabedoria é o problema. Ser neutro, para esses educadores, não é não falar de determinados assuntos, isso é censurar. Ser neutro é justamente falar de todos eles e de todas as perspectivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a realização deste artigo muitas ideias foram exploradas. Primeiramente, foi necessário traçar um panorama histórico e como as mulheres foram se encaixando nele. Observou-se que elas demoraram muito tempo para estarem de fato inseridas nesses estudos e demoraram também para serem consideradas fontes históricas dignas de atenção.

É graças ao surgimento de suas biografias que conseguimos enxergar essa multiplicidade de relatos e vidas que merecem atenção e espaço, elementos muito necessários quando pensamos que, ainda no século atual, mulheres não são tratadas com a mesma igualdade de direitos que os homens, fato que devemos à construção cultural de sua figura, construção essa ligada à história.

Tratando-se do caso específico de Maria Lacerda de Moura, cuja biografia foi brevemente abordada aqui, é necessário entender sua importância para o pensamento feminista atual. Ela foi uma mulher com propostas e ideias que ainda são pertinentes hoje e fruto de muito debate. Para exemplificar podemos olhar para a maternidade, que ainda é vista como uma imposição para o sexo feminino, como algo sem o qual uma mulher nunca será completa. Moura já

defendia que ela deve ser consciente, deve ser uma escolha, e não se é menos mulher porque se optou por não ter filhos. Sua busca por liberdade também é evidenciada em sua vida pessoal: ela viveu simultaneamente com dois homens, pois era adepta do amor livre e nenhum deles via problemas em uma relação amorosa construída dessa maneira.

Falando ainda nesse conceito de liberdade, precisamos pensar como ele estava presente em seu pensamento sobre educação. A função desta era, justamente, conferir autonomia aos sujeitos e, por isso, libertá-los. Era preciso ter informação suficiente para que cada um escolhesse a maneira de viver que condizia melhor com suas próprias crenças. Educar para perpetuar o que já existe, para uma anarquista, como era Maria Lacerda, é tirar da educação sua função fundamental.

Ao fazer essas considerações percebe-se a importância de tratar de uma figura como a de Maria Lacerda de Moura. Não se conseguiu ainda realizar de forma satisfatória uma educação em favor da liberdade no nosso país. A escola é um lugar que ainda reproduz muitos dos problemas sociais que possuímos, muitos dos preconceitos que encontramos. Quando se entender efetivamente esse conceito de liberdade, veremos que ele significa respeitar as liberdades do outro também. A escola é lugar de, além de passar conteúdos, construir valores. É também na escola que se deve aprender a ser bom, a respeitar, a entender o outro. Essas ideias não são novidade para aqueles que, como Maria Lacerda de Moura, se inspiraram na Escola Moderna de Ferrer, que acreditava no grande poder emancipador da educação. Pensar o espaço escolar dessa maneira nunca foi uma discussão tão atual e, no entanto, já existiam modelos construídos dessa forma há mais de cem anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENA, Dagoberto Buim. **A Voz do Trabalhador (1908-1915) e a Educação Anarquista no Brasil**. São Paulo: Didática, 1991.

GALLO, Sílvio; MORAES, José Damiro de. **Anarquismo e Educação: A educação libertária na Primeira República**. In: BASTOS, Maria Helena Camara (orgs). História e Memórias da educação no Brasil – Vol. III. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

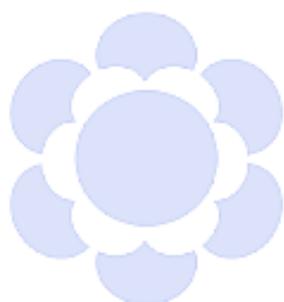
MARIA Lacerda de Moura – Trajetória de uma Rebelde. Produção de Ana Lúcia Ferraz e Míriam Moreira Leite. São Paulo: Laboratório de Imagem e Som em Antropologia (LISA-USP), 2003. (33 min.). NTSC, color. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=pom4W-FW4jo>> Acesso em 30/10/2017.

MIRANDA, Jussara Valéria De. **“Recuso-me!” Ditos e Escritos de Maria Lacerda de Moura**. 2006. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

MOURA, Maria Lacerda de. **Ferrer, o Clero Romano e a Educação Laica**. São Paulo, 1934.

SOIHET, Rachel. **História das Mulheres**. In: CARDOSO, Caio Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

SOUZA, Tatiana de. **Maria Lacerda de Moura e a Educação das Mulheres para a Liberdade**. 2006. Disponível em
<http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/T/Tatiana_de_Souza_22.pdf>
Acesso: 17/11/2017



IMACULADA
FACULDADES MARIA IMACULADA